

## 2

### No terreiro da pesquisa: os contextos

Neste capítulo apresentarei os contextos em que se desenvolveu a pesquisa, tanto em seu âmbito específico – a Escola Azul – quanto em seu âmbito mais amplo – o bairro de Oswaldo Cruz – onde está situada a escola estudada. Entendo ser fundamental a descrição deste contexto, na medida em que este estudo de inspiração etnográfica procura abordar as relações entre a unidade escolar e a comunidade, bem como analisa as possibilidades de entrecruzamento de culturas no espaço escolar.

#### 2.1

##### Um bairro/subúrbio na cidade do Rio de Janeiro

*“Berço do samba e das lindas canções” – diz a letra do seu hino oficial –, o Rio é acima de tudo berço do carioca, um tipo sociológico de difícil definição mas de simples apreensão. É o grupo humano mais cosmopolita do país.*

*Além de ter sido por mais de dois séculos capital da colônia, do império e da república, o Rio foi e continua sendo a porta principal do Brasil, a tecla de acesso do assombroso compromisso que o carioca tem com a alegria e a vida.*

**Carlos Heitor Cony**

As palavras do escritor<sup>1</sup> ilustram bem o sentimento daqueles que amam e vivem nesta grande cidade, apesar da convivência com inúmeros aspectos da violência presentes no seu cotidiano. De certa forma é uma visão que se tornou senso comum. Contudo esta visão idílica do Rio de Janeiro remete-se a uma parte da zona sul da cidade, que está longe de ser “de todos”. Mas é real o fato de ser um Rio “de muitos”, tantas são as peculiaridades de cada parte do território desta cidade.

Robert Ezra Park (1987, p.26), em sua proposta de estudos sobre a cidade<sup>2</sup>, a classifica como um produto da natureza humana, sintetizando-a: “a cidade é um estado de espírito, um corpo de

---

<sup>1</sup> Carlos Heitor CONY escreveu uma pequena crônica, “O Rio de muitos e de todos”, na apresentação do *Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro*, p.7, 1998.

<sup>2</sup> Robert Ezra PARK, A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano, in: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*, 1987, p.26-67.

costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição”.

Este estudo foi realizado em um bairro carioca afastado do centro da cidade do Rio de Janeiro, classificado como subúrbio. É um espaço urbano dentro de uma grande metrópole, uma parte da cidade que tem suas características específicas. Louis Wirth (1987)<sup>3</sup>, em seu texto sobre pesquisa no meio urbano, diz que devemos levar em conta não somente as características comuns entre as cidades, mas dedicarmos atenção às suas variações, explicando que uma cidade marcada pela industrialização será diferente em termos sociais de outra marcada pelo comércio.

Deste modo, em uma metrópole, a heterogeneidade que lhe é peculiar abriga funções especializadas em partes da cidade. Há, por esta característica, um agrupamento de pessoas com relativa homogeneidade em determinados locais. Assim, o autor se expressa:

O local e a natureza do trabalho, a renda, as características raciais, étnicas, o *status* social, os costumes, hábitos, gostos, preferências e preconceitos estão entre os fatores significantes de acordo com os quais a população urbana é selecionada e distribuída em locais mais ou menos distintos. (Wirth, 1987, p.103)

Dessa forma, a maneira como a população carioca está distribuída, leva em conta os aspectos mencionados por Wirth (1987). Por exemplo, levando em conta a renda, veremos que as famílias de maiores rendas estão concentradas fundamentalmente no “asfalto” da zona sul da cidade:

---

<sup>3</sup> Louis WIRTH, O urbanismo como modo de vida, in: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*, 1987, p.90-113.

**Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes segundo a Renda Nominal Média – os 10 bairros com maior número de responsáveis com renda acima de 20 salários mínimos – 2000<sup>4</sup>**

Classificação	Bairros	Total de Responsáveis pelos domicílios	Número de Responsáveis com mais de 20 s. m.	%
1º	Barra	29.471	17.139	58,15
2º	Copacabana	59.306	16.644	28,06
3º	Tijuca	53.509	13.177	24,63
4º	Leblon	17.386	8.404	48,34
5º	Ipanema	17.839	8.148	45,67
6º	Botafogo	29.138	7.943	27,26
7º	Flamengo	21.015	6.248	29,69
8º	Laranjeiras	16.396	5.577	34,01
9º	Vila Isabel	25.788	4.140	16,05
10º	Lagoa	6.421	4.055	64,47

Fonte: Instituto Pereira Passos. Armazém de Dados. Portal Geo. Bairros Cariocas, disponível em <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas>> . Acesso em 21/02/2005.

A população pobre foi, historicamente, empurrada para áreas distantes do centro ou para os morros da zona sul e zona portuária (Abreu, 1997). Mas esta população foi e é majoritariamente negra. Tomando como base os dados nacionais e considerando a população “branca” e “negra”, esta última constituída segundo o IBGE por “pardos” e “pretos”, veremos que a desigualdade na distribuição de renda é enorme em prejuízo da população negra, com conseqüência na ocupação do espaço. Segundo Ricardo Henriques (2001, p.9),

Os negros em 1999 representam 45% da população brasileira, mas correspondem a 64% da população pobre e 69% da população indigente. Os brancos, por sua vez, são 54% da população total, mas somente 36% dos pobres e 31% dos indigentes. Ocorre que, dos 53 milhões de brasileiros pobres, 19 milhões são brancos, 30,1 milhões pardos e 3,6 milhões, pretos. Entre os 22 milhões de indigentes temos 6,8 milhões brancos, 13,6 milhões pardos e 1,5 milhão, pretos.

A população pobre e miserável, que como vimos acima, é majoritariamente negra (pretos e pardos), tem uma ocupação do

<sup>4</sup> Este levantamento leva em conta 159 bairros da cidade do Rio de Janeiro, considerando nesta categoria comunidades como a da Rocinha, Jacarezinho, Maré etc. A fonte de dados é o Censo Demográfico de 2000, realizado pelo IBGE.

espaço urbano fundamentalmente nas favelas, bairros populares e subúrbios, ainda que nestes espaços tenhamos a presença de brancos pobres<sup>5</sup>. O alto grau de miscigenação de nossa população sobre o qual tanto falaram Gilberto Freyre (1999) e Darcy Ribeiro (1995), influenciado pelo processo histórico de misturas culturais (Bastide, 1971; Moura, 1995; Holanda, 1994 e 1998), não foi suficiente para eliminar determinadas diferenças quanto a possibilidades de acesso à renda e poder em nossa sociedade. Desta maneira, acentuou uma divisão social que associa critérios de renda, poder e cor da pele, que se expressa também na ocupação do espaço urbano.

A conseqüência metodológica desse fato é adotar a categoria sócio-política de *afro-brasileiros ou negros* para se referir a determinados espaços socioeconômicos e culturais, na perspectiva de Máirtín Mac an Ghail (1995)<sup>6</sup>, para referência a determinados setores da sociedade carioca que não são, efetivamente, somente de negros ou afro-brasileiros<sup>7</sup>. A população do morro da Mangueira no Rio de Janeiro, por exemplo, pode ser caracterizada como população afro-brasileira, que reconhecidamente tem significativa presença naquele morro, ainda que esta não seja a única no local. Ao nos referirmos desta maneira, estamos pondo a ênfase em função da população que vive naquele morro historicamente enfrentar o problema do preconceito racial e o abandono pelo poder público, e ter uma produção cultural relevante simbolizada no samba. É ilustrativo para uma representação, entre tantos outros, o samba *A voz do morro*<sup>8</sup>, de Zé Kéti (José Flores de Jesus, 1921-1999),

<sup>5</sup> Ver André Augusto P. BRANDÃO, em seu texto *Raça, demografia e indicadores sociais*, in: OLIVEIRA, Iolanda de (org.). *Relações raciais e educação: novos desafios*, 2003, analisando aspectos demográficos cruzando com raça e indicadores sociais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, em que confirma nossa afirmação.

<sup>6</sup> Máirtín MAC NA GHAILL. *Jóvenes, superdotados y negros. Reflexiones metodológicas de un profesor/investigador*. In: WALFORD, Geoffrey (org.). *La otra cara de la investigación educativa*, 1995.

<sup>7</sup> Não há consenso no uso destes termos. Prefiro afro-brasileiro, pois este, entendo, designa melhor os brasileiros descendentes de africanos e o processo de miscigenação destes com europeus e indígenas. Além disso, expressa melhor a relação entre a cultura africana aqui entrecruzada e transformada, tornada brasileira.

<sup>8</sup> OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA, CD n° 3, faixa 1.

compositor da Portela, Escola de Samba que não é de morro, criado no subúrbio de Piedade quando lá ainda não havia favelas, que define esta relação:

*Eu sou o samba  
a voz do morro  
sou eu mesmo sim senhor  
quero mostrar ao mundo  
que tenho valor  
eu sou o rei dos terreiros  
eu sou o samba  
sou natural daqui do Rio de Janeiro  
sou eu quem leva a alegria  
para milhões de corações brasileiros  
Mais um samba  
Queremos samba  
Quem está pedindo  
É a voz do povo do país  
Viva o samba, vamos cantando  
Esta melodia pr'o Brasil feliz*

Do mesmo modo podemos dizer acerca de populações de determinados bairros populares, subúrbios e favelas “do asfalto”. É o caso do bairro de Oswaldo Cruz, a 16<sup>a</sup> estação de trem do ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil (atual Supervia), um bairro que podemos chamar de popular e afro-brasileiro, pois é habitado majoritariamente por camadas populares e negras.

A localização do bairro é apontada em vários sambas, entre eles o de autoria de Mauro Diniz, portelense e morador do vizinho bairro de Rocha Miranda, *Fica depois de Madureira*<sup>9</sup>, como diz nos versos:

*Fica depois de Madureira,  
Antes de Bento Ribeiro,  
Onde se canta samba o ano inteiro  
Lá o samba é verdadeiro, de raiz  
Faz a mocidade mais feliz...*

Uma parte de sua população foi resultado da transferência de populações oriundas de favelas como a do Esqueleto, situada nos anos 1970 onde hoje está edificada a UERJ, resultando na

---

<sup>9</sup> Cf. Beth Carvalho. *CD Pagode de mesa. Universal Music*, nº 73145466812, faixa 7, 1999.

construção de grande quantidade de blocos de apartamentos<sup>10</sup>. Em termos raciais, a composição da população do bairro<sup>11</sup> é 51,8% “branca”, 12,4% “preta”, 35,1% “parda”, 0,1% “amarelo”/“indígena” e 0,5% está agrupada na categoria “outras”<sup>12</sup>, mas a história do bairro permite a afirmação de que há uma predominância da população afro-brasileira<sup>13</sup>.

Ele começou a ser povoado desde as primeiras décadas do século XX por populações negras, mestiças e pobres (Silva e Santos, 1989; Fernandes, 2001). O crescimento demográfico e industrial dos subúrbios a partir de 1930 foi notável, conforme Maurício Abreu (1997), mas não transformou Oswaldo Cruz em área industrial, mantendo o bairro unicamente como área residencial<sup>14</sup>. Com uma população de 35.901 habitantes em 2000<sup>15</sup>, tem 54,02% de

---

<sup>10</sup> Conforme depoimento do presidente da Associação de Moradores, seriam 27 blocos, perfazendo um total de 4.080 apartamentos, construídos sem “nos ter deixado uma área de lazer”. Esta informação, no entanto, choca-se com os dados referentes ao bairro do Censo Demográfico de 2000, do IBGE: 7.725 casas, 3.240 apartamentos e 106 cômodos. Cf. Instituto Pereira Passos, Armazém de Dados, Portal Geo, Bairros Cariocas, Oswaldo Cruz, População.

<sup>11</sup> Estes dados foram obtidos em consulta direta ao IBGE, originando uma tabela desagregada referente ao bairro de Oswaldo Cruz, com base no Censo de 2000.

<sup>12</sup> Não existem dados publicados de forma desagregada por bairro. O dado mais próximo de acesso direto é por Região Administrativa do Rio, neste caso a XV de Madureira, que apresentam o seguinte: 54,6% homens brancos e 45,4% como “outra cor/raça”; 54,9% de mulheres brancas e 45,1% de “outra cor/raça”. Cf. Armazém de Dados do Instituto Pereira Passos, Características Demográficas, Tabela 4.3.6 – *Discriminação da população agrupada em branca ou outra cor/raça por sexo, segundo as Regiões Administrativas – 1991-2000*.

<sup>13</sup> A formação do bairro inicia-se no final do século XIX e a origem e cultura da maioria dos imigrantes que compunham a população do bairro apontam para esta conclusão. No período pós-abolição até o início do século XX, muitos vieram do norte e sul fluminense (monocultura de cana de açúcar e do café) e de Minas Gerais (café). Eles cantavam e dançavam jongo e caxambu, professavam cultos afros (Silva e Santos, 1989; Fernandes, 2001). Com a expulsão da população pobre e negra do centro e das áreas valorizadas do Rio de Janeiro desde as primeiras décadas do século XX (Abreu, 1997) e nos anos de 1970, com a transferência de população de favelas da zona sul e norte carioca, conforme depoimentos dos moradores, o bairro continuou a receber migrantes majoritariamente afro-brasileiros. São estas as origens da formação histórica da população do bairro.

<sup>14</sup> Cf. ANUÁRIO Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro, Instituto Municipal Pereira Passos, 1998, p.396.

<sup>15</sup> O bairro teve queda do número habitantes entre 1991 e 1996 em 3,5%. Em 1996 representava 0,6% da população do município e tinha uma densidade bruta de 177,0 hab/ha, a maior de sua região. Para efeito de comparação, Copacabana tem 340,3 hab/ha e o Leme 149,0. Cf. POTENCIAL econômico dos bairros do Município do Rio de Janeiro, ABERJ/SBERJ, 1999, p.9 e 11.

sua população do sexo feminino<sup>16</sup>, como ocorre na quase totalidade dos bairros da cidade do Rio de Janeiro. A distribuição por faixa etária é vista na tabela abaixo:

**Pessoas Residentes por Grupos de Idade e seu percentual – 2000**

Total	04	5-9	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50-54	55-59	60-69	70ou+
35901	2486	2423	2593	3025	2930	2701	2539	2793	2871	2471	2147	1674	2995	2253
100%	6,92	6,75	7,22	8,43	8,16	7,52	7,07	7,78	8,00	6,88	5,98	4,66	8,34	6,28

Fonte: Instituto Pereira Passos. Armazém de Dados. Portal Geo. Bairros Cariocas. Oswaldo Cruz. População. Disponível em <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas>>. Acesso em 21/02/2005.

Como se pode ver, se agruparmos por faixa de 10 anos (considerando-a uma geração), há um certo equilíbrio entre as faixas etárias, que se situam entre 14% e 16% da população. O desequilíbrio ocorre com os cinquentenários, com 10,64%. Também os sexagenários e septuagenários ou mais velhos estão abaixo da média de distribuição da população no bairro, pois têm 8,34% e 6,28% respectivamente, cerca da metade da participação das outras faixas. Mas se levarmos em conta que a expectativa média de vida no país é de 68 anos<sup>17</sup> e que aqueles com 65 ou mais anos correspondem a 5,84%<sup>18</sup>, o bairro apresenta uma população idosa maior que a média nacional.

Os adolescentes<sup>19</sup> (faixa de 10-19 anos) estão na média populacional do bairro, com 15,65%. Entre eles, os não

<sup>16</sup> Cf. POTENCIAL econômico dos bairros do Município do Rio de Janeiro, ABERJ/SBERJ, 1999, p.17.

<sup>17</sup> Cf. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Relatório 2004. Disponível em: <[www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br)>. Acesso em 21/02/2005.

<sup>18</sup> Cf. IBGE. Censo Demográfico 2000. Características gerais da população. Resultados da amostra. Tabelas de resultados. *Tabela 1.1.1 – População residente, por sexo e situação do domicílio, segundo grupos de idade – Brasil*. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao)>. Acesso em 21/02/2005.

<sup>19</sup> Reconheço que o termo adolescente é escorregadio enquanto denominação de um período da vida. Philippe ARIÈS o relativizou em “Idades da vida” in: *História Social da Criança e da Família*, 1981, p.29-49. O verbete *adolescência* o define como o período que se inicia após a puberdade; por sua vez o verbete *puberdade* é definido como o período entre a infância e a adolescência... Cf. *DICIONÁRIO HOUAISS da língua portuguesa*, 2001. A lei 8.069 de 13/07/1990, que instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelece que os adolescentes são aqueles na faixa de idade de 12 a 18 anos. Porém, para efeito dos dados que disponho, não há possibilidade de desagregá-los na tabela original.

alfabetizados representam 1,09%<sup>20</sup>. Ressalto esta faixa em função das idades em período de estudo, entre o ensino fundamental e médio, e por considerá-la potencialmente suscetível aos apelos da mídia e das *cultura juvenis*. Por outro lado, se compararmos com os dados do IBGE para o país, verificamos que a população jovem na faixa de 15 a 24 anos do bairro corresponde a 16,59%, abaixo da média histórica brasileira (entre 19 e 21%)<sup>21</sup>. A faixa referente a 20-29 anos – em que os não alfabetizados constituem 0,89% – está na média do bairro com 15,68% e se trata da população jovem que, no subúrbio, está majoritariamente trabalhando ou buscando trabalho (não necessariamente em emprego formal) e fora da universidade, onde poderia estar se tivesse condições para isto. O compositor João Nogueira (1941-2000) ilustra bem esta situação do jovem suburbano, que como ele teve de deixar os estudos e muitos sonhos, no samba *Espelho*<sup>22</sup> (com Paulo César Pinheiro):

*Nascido no subúrbio nos melhores dias  
com votos da família de vida feliz  
andar e pilotar um pássaro de aço  
sonhava ao fim do dia ao me descer cansaço  
com as fardas mais bonitas desse meu país  
...  
até que um dia eu tive que largar o estudo  
e trabalhar na rua sustentando tudo  
assim sem perceber eu era adulto já  
...*

Em termos de renda, comparando com os 13 bairros da XV Região Administrativa do município do Rio de Janeiro a qual pertence, está abaixo dos bairros de Madureira, Piedade, Quintino Bocaiúva, Marechal Hermes e Bento Ribeiro. São modestas as rendas do bairro como se vê na tabela abaixo:

<sup>20</sup> Foi feita uma aproximação de uma casa centesimal. Cf. Instituto Pereira Passos. Armazém de Dados. Portal Geo. Bairros Cariocas. Oswaldo Cruz. População. Disponível em <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas>>. Acesso em 21/02/2005.

<sup>21</sup> De acordo com os dados específicos. Cf. IBGE. População Jovem no Brasil. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/)>. Acesso em 21/02/2005.

<sup>22</sup> João NOGUEIRA. *CD Espelho*, Coleção Os originais, EMI. Nº 833470-2, faixa 2, 1995.

**Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes segundo a Renda Nominal Média em Salários Mínimos – bairro de Oswaldo Cruz - 2000**

Total	Até ½	½ a 1	1 a 2	2 a 3	3 a 5	5 a 10	10-15	15-20	+ de 20
10.355	35	1.031	1.433	1.365	2.071	3.002	778	401	239

Fonte: Instituto Pereira Passos. Armazém de Dados. Portal Geo. Bairros Cariocas. Oswaldo Cruz. População. Disponível em <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas>> . Acesso em 21/02/2005.

Tem 57,3% dos responsáveis pelo domicílio percebendo até 5 salários mínimos<sup>23</sup> e 24,1% com até 2 salários mínimos. Percebendo até ½ salário mínimo estão 0,34% e até um são 10,3%. Mas apesar de baixos os rendimentos de mais da metade dos responsáveis pelo domicílio, não se pode caracterizar o bairro como miserável. Segundo os dados do Instituto Pereira Passos<sup>24</sup>, 98,83% dos domicílios tem abastecimento de água canalizada, 85,34% tem esgotamento sanitário (+ 10,74% tem fossa séptica). Não há favela<sup>25</sup> e, coerente com os dados apresentados acima, a classificação de “carente” é refutada pela professora Ângela, da 4ª série da Escola Azul, que faz trabalhos sociais em sua militância católica:

Uma vez, teve um questionário aqui, aí teve um colega que disse assim, que a comunidade aqui era carente. Eu falei: alto lá! Discordo. Eu pertencço à comunidade. Eu posso dizer que eu vim pra aqui eu tinha 5 anos, eu tenho 45. Então, eu mais do ninguém, eu vi crescer Oswaldo Cruz. Eu não considero Oswaldo Cruz uma comunidade carente. Eu não considero [os alunos da] Escola Azul, crianças carentes. Nós temos crianças carentes? Temos. Mas podemos generalizar? Não! Não, porque... criança carente pra mim é aquela criança que não tem alimentação, que não tem lazer, que não tem nem o material didático básico para vir pro colégio. Eu conheço comunidades assim. Eu até conto para as crianças aqui, para que eles até valorizem o que eles têm, o que é dado para eles em termos dos pais, da escola.

<sup>23</sup> Entre os bairros com maior número de responsáveis por domicílios com renda entre 3 a 5 salários mínimos, Oswaldo Cruz fica em 43º lugar. Entre a faixa mais alta de renda, com mais de 20 salários mínimos, o bairro fica em 72º lugar. Cf. Instituto Pereira Passos. Armazém de Dados. Portal Geo. Bairros Cariocas. Oswaldo Cruz. População. Disponível em <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas> . Acesso em 21/02/2005.

<sup>24</sup> *Ib.id.*

<sup>25</sup> De acordo com a publicação *Favelas Cariocas: índice de qualidade urbana*, editada pelo IPLANRIO, Rio de Janeiro, 1997, não existe comunidade de favela no bairro de Oswaldo Cruz.

O bairro<sup>26</sup> de Oswaldo Cruz passa a existir em função da estação de trem da Central do Brasil, inaugurada em 1898 quando a localidade ainda se chamava Rio das Pedras<sup>27</sup>, conforme depoimento do compositor da Velha Guarda da Portela, Jair do Cavaquinho, que ali nasceu e cresceu. Neste bairro, segundo Marília T. Barbosa da Silva & Lygia Santos (1989), formado por moradores pobres, muitos vindos do interior do estado e de Minas Gerais e Espírito Santo, havia já nos anos de 1910 festas organizadas por pessoas ligadas a cultos afros. Após as sessões “da Lei”<sup>28</sup>, ocorriam animadas danças com jongo e caxambu. Como freqüentavam estas festas os sambistas do bairro do Estácio, estes levavam a nova maneira de cantar e batucar o samba<sup>29</sup>, que logo tomou conta do bairro, produzindo grande número de compositores<sup>30</sup>.

Blocos como o “Ouro sobre o azul”, “Quem fala de nós come mosca”, “Baianinhas de Oswaldo Cruz”, eram organizados pelos moradores do bairro para brincar o carnaval no início dos anos 1920. Em 1926 foi fundado o Bloco Carnavalesco Escola de Samba

<sup>26</sup> O termo “bairro” e “subúrbio” são categorias que os nativos usam indiscriminadamente. Discuto a categoria subúrbio no capítulo 2, no item *A cultura do samba*.

<sup>27</sup> Cf. também João Baptista M. VARGENS & Carlos MONTE, *A Velha Guarda da Portela*, 2001.

<sup>28</sup> As sessões “da Lei” eram as sessões onde vigorava a “lei do santo” dos cultos afros (Moura, 1995).

<sup>29</sup> O verbete *Oswaldo Cruz* o define como a base territorial da escola de samba Portela. Cf. Nei LOPES. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, 2004.

<sup>30</sup> Para termos uma idéia da profusão de autores, apresento uma pequena lista com a menção a apenas um samba, sem citar o parceiro na música, de compositores de Oswaldo Cruz e da Portela: Paulo da Portela (*Teste ao samba*), Chico Santana (*Saco de feijão*), Candeia (*Preciso me encontrar*), Alberto Lonato (*Os meus olhos vertem lágrimas*), Manacéa (*Quantas lágrimas*), Altair Prego (*Seis datas magnas*), Bubu da Portela (*Doce melodia*), Aniceto (*Desengano dói*), Alcides Malandro Histórico (*Vivo isolado no mundo*), Ernani Alvarenga (*Dinheiro não dá*), Alvaiade (*Baleiro*), Joãozinho Pecadora (*Linha de candomblé*), Anézio (*Minha preta*), Mijinha (*Sentimentos*), Ventura (*Tudo azul*), Chatim (*Mulher ingrata*), Walter Rosa (*Rio capital eterna do samba*), Catoni (*Isso não são horas*), Cabana (*Garçom*), Norival Reis (*Ilu Ayê*), Argemiro (*A chuva cai*), entre tantos outros que já se foram, ou que ainda estão vivos, como Waldir 59 (*Legados de D. João VI*), Monarco (*Coração em desalinho*), Jair do Cavaquinho (*Meu barracão de zinco*), Casquinha (*Sinal aberto*), David do Pandeiro (*Vai saudade*), Picolino (*Brasil panteão de glórias*), Ari do Cavaco (*A lapa em três tempos*), Noca da Portela (*Caciqueando*), Heitor dos Prazeres (*Vem pro samba mulata*), Zê Kêti (*A voz do morro*), Mauro Duarte (*Canto das três raças*), João Nogueira (Mineira), Wilson Moreira (*Mel e mamão com açúcar*), Paulinho da Viola (*Foi um rio que passou em minha vida*), Zeca Pagodinho (SPC) etc.

de Oswaldo Cruz<sup>31</sup>, que viria ser o embrião da futura Portela. Seu presidente foi Paulo Benjamin de Oliveira, o Paulo da Portela (1901-1949), considerado por estudiosos (Cabral, 1996; Silva & Santos, 1989) como um dos maiores nomes da história do samba e que tinha como política visibilizar a cultura e a arte de seu povo para toda a sociedade (Lima, 2001; Silva & Santos, 1989).

Por influência de Heitor dos Prazeres (1898-1966), compositor bem inserido no mundo da música do centro da cidade, levado para a escola por Paulo da Portela, a escola mudou de nome no carnaval de 1929 para “Quem nos faz é o capricho”. No ano seguinte, modificou o nome para “Vai como pode”, que expressava bem a situação da escola de samba e de seus foliões. Nos anos de 1920 e 1930 os sambistas, para fugir da perseguição da polícia, combinavam a volta do trabalho no trem das 18:04h, na Central do Brasil. No trem eles “passavam” os sambas, discutiam sobre assuntos organizativos (Silva & Santos, 1989). É esta a origem do “Pagode do trem”. Somente em 1935, por sugestão de um delegado de polícia<sup>32</sup> que não gostava do nome “Vai como pode”, passa-se a chamar Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela<sup>33</sup>. Neste ano, quando foi realizado o primeiro concurso oficial, a Portela foi campeã, o primeiro dos muitos títulos da escola de Oswaldo Cruz<sup>34</sup>.

---

<sup>31</sup> Silva e Santos (1989) basearam-se nos depoimentos de Antonio da Silva Caetano, um dos fundadores do bloco e da Portela. No entanto, é pouco provável que o nome “escola de samba” fosse usado naquela época, já que aquela que é considerada a primeira a usar “escola de samba” foi a Deixa Falar, do Estácio, em 1929, que nunca foi de fato uma escola de samba, mas um rancho (Cabral, 1996). O termo escola de samba nos primeiros anos de seu surgimento não era comum, sendo muitas vezes nominadas como bloco carnavalesco. Tudo indica que o termo passou a ser definitivo após o primeiro concurso oficial do distrito federal em 1935.

<sup>32</sup> Blocos carnavalescos, escolas de samba, todos tinham que obter autorização para o desfile na polícia (Cabral, 1996; Moura, 1995; Silva & Santos, 1989).

<sup>33</sup> Todas estas informações constam no livro *Paulo da Portela – traço de união entre duas culturas*, de Marília T. Barboza da SILVA & Lygia SANTOS (1989)

<sup>34</sup> A Portela é a escola de samba que mais vezes conquistou o carnaval carioca. São 21 títulos: 1935, 1939, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1951, 1953, 1957, 1958, 1959, 1960, 1962, 1964, 1966, 1970, 1980 e 1984. Cf. Sérgio CABRAL, Resultado dos desfiles, in: *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, 1996, p.379-448; e Hiram ARAÚJO, *Carnaval: seis milênios de história*, 2000, p.568-570.

Além dos vários blocos que surgiram ao longo dos anos, a fundação da Escola de Samba Portela marcou a história deste subúrbio, ajudando a fortalecer e disseminar as atividades ligadas ao samba na região. O samba se manteve como elemento constitutivo da identidade deste subúrbio, como já atestava o samba imortal *Palpite infeliz*, de Noel Rosa, no ano de 1935. E nos tempos atuais, os compositores do bairro, Edinho Oliveira, Odé Amin José e Marquinhos de Oswaldo Cruz, fizeram um samba, *Prá Oswaldo Cruz*<sup>35</sup>, que define a importância do samba para a identidade daquele subúrbio:

*Vejo o mundo destruído  
Pelo selvagem capitalismo  
A cultura sucumbindo  
Não sei o que vou fazer*

*Por isso eu vou, eu vou  
Prá Oswaldo Cruz, eu vou  
Quilombo do samba  
Pra me aculturar  
(Venha pra cá!)* } refrão

*Berço da nossa raiz  
Não sou eu  
Todo mundo é quem diz  
Que a força da nossa razão  
Mantém a mente e o coração*

*Moqueca de peixe é Bahia  
Fosfato, cabeça sadia  
Assim é o subúrbio do samba  
Com a poesia* } refrão

Observe-se que o sentido de “aculturar” é entendido como assumir uma cultura que existe naquele subúrbio, um “quilombo do samba”, no sentido tradicional de “resistência”, numa espécie de aculturação necessária para quem não tem a cultura do samba presente em Oswaldo Cruz.

Assim, a tradição do samba no bairro é um fato inegável, comprovado por blocos carnavalescos, pela Escola de Samba Portela

<sup>35</sup> Cf. *Prá Oswaldo Cruz*. Edinho de Oliveira. *CD Negro*. Faixa 5, nº 9804, Etnia Music, 1998.

(cuja sede principal só se transferiu para Madureira em 1961 e mantém até hoje a sede antiga, a Portelinha, em Oswaldo Cruz), pelas inúmeras rodas de samba do bairro, como o famoso “Pagode da beira do rio”, o “Samba do Buraco do Galo”<sup>36</sup> e o “Pagode da Tia Doca”, este último existindo até hoje. Também a fundação do primeiro bloco afro do Rio, o *Agbara Dudu*, foi no bairro, sendo sua primeira festa realizada na Portelinha. E atualmente tem o “Pagode do trem” ou “Trem do samba”, o maior evento de samba da cidade fora do carnaval.

Mas com o passar do tempo e o crescimento do bairro, acabou por receber novas influências, como nos últimos anos o *funk*<sup>37</sup>, as igrejas pentecostais<sup>38</sup>, por exemplo. Este subúrbio, fundamentalmente de moradia, tem em suas manifestações de *cultura popular*, as únicas possibilidades de contato com arte em seu próprio espaço geográfico. Desta maneira, o samba é uma forte referência cultural, ainda que não seja a única.

Para termos idéia das condições culturais (no sentido artístico e intelectual que o anuário estatístico lhe dá), o bairro conta com 8

---

<sup>36</sup> As rodas de samba do “Buraco do Galo” que ocorriam desde o final dos anos 1990 com regularidade até 2002, produziram também um movimento musical que resultou em pelo menos dois CDs: *Negro*, de Edinho Oliveira, compositor e um dos líderes do movimento, e *Samba no Buraco do Galo*, coletânea de sambas de vários compositores do bairro e de outros lugares, mas que freqüentam o Oswaldo Cruz. Este último CD gravado no próprio botequim que dá o nome à roda de samba. Cf. *CD Samba no buraco do Galo*. nº 60710, Musitec, 2000.

<sup>37</sup> Lívio SANSONE, em seu estudo sobre jovens em bairros pobres de Salvador e Rio de Janeiro, aponta que cada vez mais a cultura e identidade negras estão relacionadas com a cultura jovem e a indústria do entretenimento. Cf. “Jovens e oportunidades: as mudanças na década de 1990 – variações por cor e classe”, in Carlos HASENBALG & Nelson do Valle SILVA (orgs.), *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*, 2003, p. 245-279. Ver também Micael HERSCHMANN, *O funk e o hip-hop invadem a cena*, 2000.

<sup>38</sup> A proibição ou condenação de atividades como pagode ou baile *funk* marcam a cultura juvenil dos pentecostais, como atesta Lívio SANSONE, op. cit., p.265: “... e os jovens das duas igrejas pentecostais da favela, que formam um grupo à parte, que não bebe, não freqüenta o baile *funk*, nem vai à praia”. Máslova Teixeira VALENÇA, na defesa de sua dissertação de mestrado em fevereiro de 2005, aponta que alguns trabalhadores do barracão da escola de samba que eram evangélicos faziam questão de manter uma relação estritamente profissional, permanecendo naquele ambiente somente para a realização do trabalho, diferentemente dos outros trabalhadores. Cf. *A escola dos trabalhadores do samba – um estudo sobre educação e trabalho no barracão do Império Serrano*, Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, 2005.

estabelecimentos de ensino com um total de 5.586<sup>39</sup> matriculados em 2002<sup>40</sup>, mas atualmente, não conta com nenhum local para atividades artísticas e culturais tais como: biblioteca pública, museu, casa noturna, teatro, cinema<sup>41</sup>, exceto pelas atividades organizadas em bares e praças para uma roda de samba. Desde 1999<sup>42</sup> foi inserido no calendário oficial de eventos da cidade o “Trem do samba” ou “Pagode do trem” (ver anexo), no dia 2 de dezembro (Dia Nacional do Samba<sup>43</sup>), como festividade ligada ao bairro, iniciando na gare da Central e culminando em Oswaldo Cruz. A festa cresce a cada ano e tem a participação de milhares de pessoas vindas de várias regiões da cidade e de turistas estrangeiros.

No bairro vizinho de Madureira há quatro cinemas no shopping, o teatro do Sesc de Madureira e no bairro de Marechal Hermes o teatro Armando Gonzaga, além das Escolas de Samba Portela e Império Serrano em Madureira, e Tradição em Campinho. Não há nenhum imóvel no bairro tombado. No entanto, nele está situada duas das primeiras sedes da Portela: uma em frente à estação de trem e outra, a “Portelinha”, última sede da Escola de Samba

<sup>39</sup> Em 1998 eram 5.236 alunos. Cf. Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro, 1998, p.200. Há uma unidade do Senac no bairro vizinho de Rocha Miranda, com cursos de Administração, Moda e beleza, Conservação e zeladoria, e Ações extensivas (ensino de suplementação e/ou ensino de artesanato), com 1.359 matriculados e uma taxa de evasão em torno de 6%, Cf. op.cit., p.221. Existe também uma ONG denominada Centro Comunitário de Capacitação Profissional Paulo da Portela, fundada por antigos militantes do movimento de bairros, que ministra cursos de informática e serviços sociais para a comunidade. Cf. MADUREIRA & OSWALDO CRUZ, Coleção Bairros do Rio, Rio de Janeiro: Ed. Fraha, [2004].

<sup>40</sup> Cf. Instituto Pereira Passos. Armazém de Dados. Portal Geo. Bairros Cariocas. Oswaldo Cruz. Educação. Disponível em <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas>>. Acesso em 21/02/2005.

<sup>41</sup> Cf. ANUÁRIO Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro, Instituto Municipal Pereira Passos, 1998, p.256-292.

<sup>42</sup> Segundo seus organizadores, o evento, entendido como resgate da tradição dos sambistas portelenses, iniciou-se em 1991, já que a tradição de tocar e cantar samba no trem sempre houve e ficou bastante difundida nos anos de 1980 com o *boom* do pagode. A Lei Municipal 2886/99 determinou o “Trem do samba”, também conhecido como “Pagode do trem”, como atividade oficial do calendário de eventos da cidade.

<sup>43</sup> Esta data comemorativa foi criada em 28/07/1964, por iniciativa do deputado Frota Aguiar, em homenagem aos sambistas, que haviam realizado o I Congresso Nacional do Samba entre os dias 28 de novembro e 2 de dezembro de 1962. Cf. Andréa Moutinho Santos GEADA, *Pagode do trem: sambando pelos trilhos da Central*, Coordenação do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História do Brasil Pós-30, mimeo, 2004.19p.

antes de se instalar em Madureira em 1961. Elas podem ser enquadradas como parte do patrimônio histórico da cidade a ser preservado, na medida em que se discute a proposta do Ministro da Cultura Gilberto Gil, o tombamento do samba como patrimônio da Humanidade. A Portela é uma das primeiras Escolas de Samba e um marco da história cultural da cidade.

Esta falta de mais atividades culturais artísticas e comércio é constatada por meus entrevistados pois vários deles moram lá ou tem uma relação antiga com o bairro. É o caso da diretora adjunta, Arlinda, que fala sobre uma das características de Oswaldo Cruz:

o nosso bairro, é um bairro muito... eu vou puxar sardinha para meu lado, o nosso bairro é muito... suburbano, vamos botar assim, é um bairro tranquilo. Eu acho ele muito dormitório. Nós não temos indústria, foi uma coisa que não se criou aqui, indústrias, fábricas, não foi um bairro que se criou para isso. É um bairro dormitório. É um bairro onde as pessoas moram.

Quanto aos transportes, embora não haja nenhum ponto final ou inicial de linha de ônibus<sup>44</sup>, o bairro é estratégico nas vias de acesso para o comércio de Madureira ou para o centro da cidade, passando por ali algumas linhas de ônibus que fazem esta ligação. Contudo, o mais importante é a linha férrea, fator fundamental para a constituição do bairro desde o finalzinho do século XIX, quando a estação foi inaugurada. A diretora adjunta da escola onde foi realizada a pesquisa, assim se expressou sobre a realidade atual do bairro:

Não, não tenho [opção para diversão], até porque nosso bairro não tem mesmo. O nosso bairro não tem nada de diversão. Infelizmente é uma coisa que falta muito aqui. A não ser, é próximo mas não faz parte do bairro, têm pessoas que freqüentam a [Escola de Samba] Tradição, que é Campinho. Mas o nosso

<sup>44</sup> Esta era uma das reivindicações de um movimento popular do bairro, chamado “Acorda Oswaldo Cruz”. Este movimento era formado por ativistas de associação de moradores, pastorais da Igreja Católica, militantes de partidos de esquerda e sambistas. Suas bandeiras de luta incluíam melhoras para o bairro em termos de transporte, infra-estrutura, áreas de lazer, bibliotecas e resgate da memória histórica, principalmente com relação ao samba e à Escola de Samba Portela. Organizava rodas de samba na sede do *Agbara Dudu* com o nome de “Quilombo do samba” e iniciou o “Pagode do trem” ou “Trem do samba”, a festa que culmina no bairro no Dia Nacional do Samba (2 de dezembro). Fundado nos anos 1980, perdurou até o final dos anos 1990.

bairro mesmo, Oswaldo Cruz, é bem carente. Sempre foi carente. A gente é carente de comércio, é carente de... A única coisa que nós não somos carente é porque nós temos a linha férrea e todo bairro que tem a linha férrea tem ligação com o Rio de Janeiro quase que todo. A gente tem uma ligação de transportes, mas no restante o nosso bairro é carente. A gente não tem uma área de lazer, nós não temos nada de atrativo no bairro.

Para a diretora Ana, que tem os pais e uma irmã morando num conjunto habitacional ao lado da escola, “Oswaldo Cruz é um bairro pendurado em Madureira. O centro mesmo é Madureira, não é Oswaldo Cruz”. Uma outra representação do bairro, que tem relação com esta exposta por Ana, é a da coordenadora pedagógica, que nasceu ali e que trabalha na escola há 16 anos e demonstra poucas expectativas em relação ao bairro:

[É um] bairro do subúrbio que modifica muito pouco. Eu acho superinteressante, Oswaldo Cruz é igual durante os meus 39 anos (ri). Você entra e sai, vai e volta, vai e volta e está igual! A cor do portão da dona fulana de tal mudou e o filho casou e construiu em cima ou quem sabe está morando junto! Então é muito interessante você fazer uma leitura assim do panorama do bairro. Ali próximo eu tenho morando a minha tia, a minha avó. Eu tenho minhas raízes também em Oswaldo Cruz, só que é um pouquinho mais longe do centro ali da escola. É Oswaldo Cruz com a Henrique de Melo. É um pouquinho mais para Bento Ribeiro. Ali é Oswaldo Cruz também. Você nota muito isso. A casa da minha tia é a mesma coisa, mudou, cresceu um andar, porque o filho mora em cima, minha avó mora atrás (ri). A coisa de passar geração em geração, a coisa só vai fazendo um pouquinho assim [mostra o indicador e o polegar para dar a idéia de tamanho minúsculo]. E os vizinhos à sua volta, a maioria é assim. E não muda e não buscam melhoras para o bairro. É a tendinha do seu João está ali ainda, que está velhinho, mas está lá. Essa é uma característica que eu acho muito interessante.

Um subúrbio que se modifica muito pouco. Não é bem assim. Nos anos de 1970 houve modificações importantes: a construção de 27 blocos de apartamentos, com um total de 4.080 unidades, segundo o presidente da associação de moradores, e a própria Escola Azul. Mas o que deve ou tem de modificar? É certo que o movimento de moradores há muito faz várias reivindicações ao poder público, mas também é certo que a tranquilidade do bairro é algo bem visto pelos moradores. É assim que vê Oswaldo Cruz o presidente da associação de moradores próxima à escola:

Eu acho... eu costumo dizer para as pessoas que o que tem de melhor aqui é o povo, ordeiro, tranqüilo, a nível de ser humano. Povo ordeiro, tranqüilo, vivendo numa comunidade que pode dizer que é família, uma comunidade família. Eu acho que a nível de bairro houve uma pequena evolução na comunidade. Como na verdade nós estamos cercados entre Madureira e Marechal, que oprime até o desenvolvimento do bairro, porque temos várias reivindicações tipo teatro, banco, mercado, e nada disso é viável, torna-se viável, em função do relacionamento governo – seja federal, estadual, municipal – e comunidade. [...] Cultural, a única coisa que eu vejo de cultura aqui é quando a gente cria alguns eventos, tipo... dia da Consciência Negra, que o maior evento que nós temos em Oswaldo Cruz hoje é o dia do Pagode do Trem, que é o dia nacional do samba. Esse é o maior evento cultural que a gente pode falar de Oswaldo Cruz. Tem história: Candeia, Paulo da Portela, Portela – a própria Portela – que costumam dizer que é de Madureira mas é de Oswaldo Cruz, na prática é de Oswaldo Cruz. Hoje está até se mudando esta cultura de informação que Portela é de Madureira. Portela é de Oswaldo Cruz.

**A Associação tem feito alguma atividade?**

A nível de atividade social nós temos o trabalho de... nós temos o centro social, que tem o nome de Hugo de Oliveira de Jesus, que é um garotinho que nos deixou há algum tempo, e nesse centro social, que é postinho médico melhor dizendo, nós temos atendimento clínico geral, ginecologista, verificação de pressão arterial, distribuição de remédio gratuito, isso é o que a gente tem de social. E de recreação, as festividades normais que a gente faz, que é dia dos pais, das mães, dia das crianças, Natal e, anualmente, a gente faz o “Natal sem fome”.

**No dia nacional do samba a Associação participa?**

Participa integralmente. A parte da Associação é a organização do bairro, das barracas, das apresentações.

Este apreço pela tranqüilidade do bairro é manifestado até mesmo por alunos considerados “bagunceiros”, como o estudante Vitor, da 6ª série, de 14 anos e morador do bairro. Ele explica porque gosta do bairro: “aqui é legal, as comunidades são maneiras. Porque fora, tem esse negócio de os bandidos mandam, aqui é diferente. Em outros lugares já são mais agressivos”.

Um bairro tranqüilo e ao lado do dinâmico bairro de Madureira. Assim é o bairro/subúrbio de Oswaldo Cruz, sobre a pressão das mudanças e a luta para manter a tradição do samba que vem desde os primórdios do bairro. E cravada nele, está uma instituição que tem a função de transmitir cultura: a Escola Azul.

## 2.2 A escola Azul

A escola Azul foi inaugurada em 1977<sup>45</sup>, na gestão do prefeito engenheiro Marcos Tamoyo. É um prédio retangular, as janelas de basculantes com telas de aço por fora, algumas partes das paredes laterais e do fundo do prédio com tijolos furados, laje e cobertura de telhas de amianto. Sua arquitetura é uma marca deste período em termos de construções escolares: prédios retangulares, caracterizando-se como prédio escolar pelo nome na frente, o muro e a homogeneidade com os demais prédios escolares construídos naquele período. Apesar disto, tem espaço razoável, com salas de aula de tamanho considerado bom pelos/as professores/as para o ideal de 25 alunos que, no entanto, abrigam em torno de 35 estudantes. Os corredores têm cerca de 3m de largura e as escadas 2m, com corrimão, e divididas em 2 lances, sendo que entre um e outro, há uma parede pintada ou enfeitada por alunos sob a coordenação do professor Orlando de Técnicas Agrícolas. Certamente alguns dos itens citados foram acrescentados ao longo da vida da escola, como as telas de aço da janela, os corrimões da escada, entre outros. A cor externa da escola é amarelo desbotado e no interior é amarelo na parte de cima das paredes e marrom do chão até a altura de um metro. Nas proximidades da quadra, as paredes externas do prédio estão um pouco pichadas (as pichações somente surgiram ao longo do primeiro semestre de 2004).

Juarez Dayrell (2001, p.147), vendo a escola como um espaço sócio-cultural e de interação, analisa a arquitetura de um prédio escolar observando:

A arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma da construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento de seus usuários.

---

<sup>45</sup> A escola foi construída a partir de 1976, atendendo à necessidade da população dos blocos de apartamentos, construídos a toque de caixa para receber população de baixa renda removida de algumas favelas da zona sul e norte, conforme depoimento da professora Ângela, moradora do bairro há 40 anos, e do presidente da associação de moradores.

Nesse sentido, a arquitetura escolar interfere na forma de circulação das pessoas, na definição das funções de cada local. Salas, corredores, cantina, pátio, sala dos professores, cada um destes locais tem uma função definida *a priori*. O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa.

*O lado de fora do muro:*

A escola fica situada atrás de um conjunto habitacional construído pela COHAB. É cercada, pelo lado da rua, por muro de 2 metros. Atrás tem uma parte que faz divisa com o conjunto habitacional e outra com paredes, algumas sem emboço, de casas de alvenaria e seus quintais, sendo que nestas partes muradas a altura chega a quase 3 metros. À frente da escola tem uma rua e, paralela a ela, passa um rio canalizado, que recebe esgoto diretamente e lixo, por vezes exalando forte mau cheiro. O canal naquele pedaço tem a largura de aproximadamente 20 metros. Do outro lado do rio, também tem uma rua paralela e outro conjunto habitacional da COHAB. Há uma ponte para pedestres e bicicletas em frente ao portão de entrada da escola. Existe outro portão, próximo, que é para entrada de carros. Fora os quiosques do outro lado do rio, que nunca vi funcionando no horário escolar, há apenas um botequim e uma pequena praça a cerca de 100 metros da escola. Separando-a da rua, um muro de alvenaria de cor cinza de dois metros. Como observa Dayrell (2001, p.147):

Um primeiro aspecto, que chama atenção, é o seu isolamento do exterior. Os muros demarcam claramente a passagem entre duas realidades: o mundo da rua e o mundo da escola, como que a tentar separar algo que insiste em se aproximar. A escola tenta se fechar em seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos.

O muro tem emboço de chapisco e até o final da observação em setembro de 2004, não estava pichado, ao contrário das paredes externas do prédio escolar. Devido à vigilância constante dos moradores o muro não é pichado, já que expõe os pichadores aos olhares atentos da vizinhança.

*O lado de dentro do muro e fora do prédio escolar:*

O prédio da escola fica num terreno com formato de um triângulo retângulo. No térreo, entre o muro e o prédio da escola, na parte da frente e no lado direito, há um pátio descoberto, todo calçado, cimentado e com primaveras plantadas nos cantos, ficando a maior parte como estacionamento para mais de 10 carros, usados por professores e visitantes, com portão duplo de zinco aberto por controle remoto. Este espaço, apesar de não haver nenhum obstáculo físico, é interditado aos estudantes, que nele não podem brincar ou mesmo ficar conversando. Quando por distração ou brincadeira algum deles entra naquele espaço, logo é chamado a retirar-se para não causar danos aos carros estacionados.

O portão da entrada dos alunos também é de zinco, aberto por controle remoto e com porteiro eletrônico. Uma calçada de 10 metros conduz até o portão do pátio gradeado, embaixo do prédio. Colado ao muro tem um estreito canteiro cercado de cimento, onde alguns responsáveis sentam enquanto esperam as crianças entrarem na escola e que também são usados pelos estudantes para conversar. No lado direito do prédio, está a casa da funcionária que mora na escola, fazendo parte da estrutura do prédio e o pouco espaço daquele lado serve como quintal da casa, que é cercado e com um portão. Pouco espaço também atrás do prédio, que por sua vez está cimentado e cercado por grade, tendo alguns vasos com plantas cultivadas pelos alunos sob orientação do professor de Técnicas Agrícolas.

Do lado esquerdo do prédio está a quadra cimentada, descoberta, somente com as traves dos gols. Depois da quadra, o terreno vai se estreitando, tendo plantas e cerca de seis árvores plantadas pelo professor de Técnicas Agrícolas e seus alunos há anos formando um minúsculo bosque. No extremo está a horta, separada por cerca de tela, plantada e cultivada nas aulas de técnicas agrícolas.

*O lado de dentro do prédio:*

O prédio da escola tem três pavimentos acima do térreo. O pátio ocupa a maior parte do térreo, cercado na frente e atrás por grades até o teto. Todo cimentado, tem placas com pastilhas nas laterais até a altura de 1,5m do chão, bancos de cimento e cobertura de mármore nos cantos, bebedouro e lavatório, três recipientes de coleta seletiva de lixo ao fundo e apenas uma pilastra. Ali as crianças brincam, fazem a maioria das aulas de Educação Física do primeiro segmento e Educação Infantil. É onde formam para a entrada dos turnos e, quando o sol está forte, conversam e trocam confidências. É permanentemente limpo pelo pessoal da Comlurb que faz a limpeza da escola. Em seu lado esquerdo, estão as salas de Técnicas agrícolas (com 4 mesas com 4 cadeiras cada), a sala das ferramentas agrícolas, a sala de guardar material esportivo e almoxarifado, a sala dos funcionários da limpeza, com banheiro. Do lado direito fica o refeitório, com umas 20 mesas com 4 cadeiras cada, todas para crianças. Dando para o refeitório está a cantina desativada, que está gradeada e fechada, servindo como depósito de móveis e utensílios sem uso. No segundo semestre de 2004 começou a ser reformada para ser uma sala de atividades da Educação Infantil. Ao lado desta está a cozinha, equipada com fogões industriais, geladeira industrial, dispensa e várias panelas grandes.

No primeiro pavimento estão: no fim do corredor à esquerda de quem sobe a escada, a nova sala de leitura, onde funcionava a marcenaria<sup>46</sup>. A sala está nova em folha, toda pintada, com 8 estantes de aço cheia de livros, uma estante antiga de madeira com vidro em outra parede, com coleções de livros encadernados e coleções de fitas de vídeo, uma TV, vídeo-cassete, dois aparelhos de ar condicionado, um computador, um scanner, mesas e cadeiras. A escola é pólo e dá atendimento bibliotecário a 34 escolas, mas nunca vi estudantes de outras unidades escolares usando a biblioteca

---

<sup>46</sup> A sala da marcenaria tinha torno, serra elétrica, máquina de furar em bancada, serra de fita, esmeril, serra tico-tico, guilhotina. Todos estes equipamentos foram herdados do período que havia o projeto de “Educação para o trabalho” da SME. Nela eram feitos serviços de reparo para a escola por um pai de aluno. A marcenaria foi desativada e seus equipamentos foram transferidos para outro lugar que não localizei.

e tampouco membros da comunidade. Duas professoras trabalham na sala de leitura. Ao lado está a sala de dança com toda uma parede espelhada, um aparelho de som, ar condicionado: “ganhei do Banco Real”, explicou-me a diretora. Desse lado do corredor está a sala de informática com 10 computadores novos, cadeiras acolchoadas e rodinhas, ar condicionado. Em frente está a sala de múltiplas atividades, com geladeira, fogão, máquina de costura. Lá os alunos aprendem com a professora da disciplina Educação para o Lar, a bordar, costurar, fazer enfeites, cozinhar etc.

A secretaria fica no meio do corredor, bem em frente à escada. Na sua parede à esquerda há sempre um mural que nos últimos meses de observação vi fotos das atividades e de estudantes da Escola Azul, com o título “Azul em movimento”, em alusão ao novo projeto político pedagógico que ainda estava sendo construído. A porta está sempre aberta, tem dois ventiladores de parede, aparelho de som, dois monitores de vídeo do circuito interno de TV e o aparelho do sistema de som com microfone, interfone para abrir o portão, 5 mesas com cadeiras de rodinha, geladeira, aparelho de telefone e fax, dois armários de aço, duas poltronas, armários embutidos embaixo das janelas que tomam a parede inteira que dá para a frente da escola e o portão, permitindo visualizar o entra e sai de pessoas pelo portão e ver a rua por cima do muro. Ali trabalham a diretora, a adjunta, a coordenadora pedagógica, uma auxiliar de secretaria por turno e a responsável pela merenda.

No corredor está instalado um telefone público ao lado da sala da secretaria. No lado direito do corredor, está o banheiro unisex dos professores e unisex da Educação Infantil e um bebedouro. Logo depois vem uma das salas da Educação Infantil, com mesinhas e cadeiras, enfeites, janelas grandes e ventilador de parede. Do lado esquerdo fica outra sala de Educação Infantil de organização semelhante e mural na parede; a sala dos professores, com ventilador de teto, armário de aço, mesa com 4 cadeiras, 2 sofás de dois lugares, recipiente para água gelada em galão, mesinha de centro, cartazes da Secretaria Municipal de Educação (SME) na

parede, quadro de avisos, revistas da SME, TV e janela com persiana. Por último, no canto esquerdo, fica a “sala dos computadores”, para o trabalho da direção, com ar condicionado, dois computadores, duas impressoras, mesa com 4 cadeiras. Esta sala é usada para trabalhos de lançamento no computador, uso da Internet, pequenas reuniões, pois as diretoras ficam na secretaria. Numa sala anexa, há outra mesa com cadeira, armário de aço, máquina fotocopadora, duas caixas de som grandes e materiais armazenados para atividades administrativas.

No segundo pavimento, estão 6 salas de aula para o *ginásio*<sup>47</sup>, uma sala para crianças portadoras de necessidades especiais, com um computador, armário, mesas e outros apetrechos para a professora realizar seu trabalho, um bebedouro no corredor e 2 banheiros. Nas paredes sempre há murais com trabalhos dos alunos, como por exemplo, cópias de obras de arte, feita pelos alunos, dos pintores brasileiros Di Cavalcanti, Djanira e Portinari.

No terceiro pavimento ficam as salas do *primário* e a sala de vídeo com 3 televisores, sendo um de 34”, 2 filmadoras, vídeo-cassete, DVD, aparelho de som, 4 ventiladores na parede. A sala pode ser ocupada como um auditório, tem também um pequeno palco e cortina para apresentações teatrais. Uma sala de informática que está sendo desativada, mas ainda contendo 2 aparelhos de ar condicionado, 5 computadores, 2 impressoras, 3 armários de aço, uma fotocopadora, mesa e cadeira para professor, 2 mesas para crianças com 4 cadeiras cada. São 4 salas do *primário* e dois banheiros no corredor. Todas as salas de aula da escola têm quadro branco, ou seja, não se usa giz e sim caneta para quadro. Todos os pavimentos têm uma câmera no corredor do circuito interno de TV.

Do que foi descrito, vê-se uma escola pública do subúrbio, com excelente infra-estrutura. A manutenção dos equipamentos e da estrutura física da escola também é algo que chama atenção. A

---

<sup>47</sup> Para a comunidade escolar, o termo *ginásio* designa o segundo segmento de 5ª a 8ª série, e o *primário* corresponde ao primeiro segmento, da Educação Infantil à 4ª série. É uma designação que resiste às mudanças da organização escolar.

Escola Azul, ao contrário do senso comum disseminado, muitas vezes com a ajuda da mídia, sobre as péssimas condições de infraestrutura e instalações das escolas públicas<sup>48</sup>, mostra ao mesmo tempo uma capacidade de organização que a possibilitou obter os equipamentos e um grau de respeitabilidade junto à comunidade que permite manter sua estrutura fora do alcance do vandalismo<sup>49</sup>.

### *O funcionamento da escola e seus atores*

A Escola Azul funciona em dois turnos: manhã e tarde. Pela manhã o *ginásio*<sup>50</sup> estuda de 7:10h as 11:50h e o *primário* das 7:15h as 11:45h. À tarde, o *ginásio* estuda das 12:50h as 17:30h e o *primário* das 12:45h as 17:15h. Obedecendo as normas da SME, que determinou que a partir de 2000<sup>51</sup> a Organização Curricular de Ensino se constitui em Ciclo de Formação e Regime de Seriação. A Escola Azul em 2004<sup>52</sup> possuía ao todo 30 turmas, assim divididas: 2

<sup>48</sup> Os noticiários dos jornais contribuem bastante para a disseminação deste senso comum, ainda que noticiem casos reais. Há uma generalização desta situação em que inúmeros exemplos contrários não são levados em conta. De qualquer modo, a violência faz parte da realidade de uma certa quantidade de escolas, como faz da vida de inúmeros cariocas que estão longe das escolas. Mas para ter uma idéia desta construção do senso comum e de como ele é alimentado, trago exemplos de algumas reportagens: de página inteira “Violência no currículo escolar”, citando 8 unidades escolares (7 no subúrbio e uma em Copacabana), *O Globo*, domingo, 2ªed., p.19, 9/05/2004; de página inteira “Calendário escolar se torna vítima da violência”, *O Globo*, domingo, p.33, 6/10/2002; “Traficantes invadem escola e assaltam alunos”, *O Globo*, sábado, p.18, 5/03/2005; série de reportagens de página inteira denominadas “Escolas do medo”, relatando inúmeras escolas que enfrentam a violência, resultando inclusive em mortes, “Sem segurança nos corredores”, *Jornal do Brasil*, p.A14, 07/06/2005; e ainda “Escola depredada atrai o tráfico”, entrevista de Eloísa GUIMARÃES sobre o lançamento de seu livro *Escola, galeras e o narcotráfico*, 1998, fruto de sua tese de doutorado, onde estudou a situação de abandono em duas escolas e a penetração do tráfico no espaço escolar, *Jornal do Brasil*, Caderno Idéias/Livros, sábado, p.6, 13/06/1998.

<sup>49</sup> Para se ter idéia como este aspecto é significativo, o vendedor de roupas que semanalmente visitava a escola contou-me que uma das escolas que visita, em Irajá, próxima à avenida Brasil, no final de 2003 foi roubada duas vezes em dez dias.

<sup>50</sup> Nos termos nativos, *ginásio* é o que corresponde às turmas do segundo segmento, de 5ª a 8ª séries, e *primário* compreende as turmas de Educação Infantil, também chamadas de *E.I.* ou *Jardim*, o Ciclo, a Progressão e as turmas de 3ª e 4ª séries.

<sup>51</sup> Conforme SME Portaria nº 12/E-DGED, de 14/12/1999, publicada no Diário Oficial de 15/12/1999, que estabelece critérios para organização de turmas do ensino fundamental.

<sup>52</sup> Conforme o Manual 2004, que trata do projeto político pedagógico da Escola Azul.

turmas de Educação Infantil em cada turno, 1 de Educação para crianças com necessidades educativas especiais por turno, 5 turmas do Ciclo pela manhã e 4 turmas de tarde, 2 turmas de 3ª e 2 turmas de 4ª séries por turno, 5 turmas do segundo segmento por turno e uma turma de Progressão à tarde, esta última sendo organizada pela primeira vez. As turmas de estudantes com necessidades educativas especiais são pequenas, com seis alunos/as RM (Retardo Mental) na turma da manhã estudando juntos e 4 alunos que apresentam problemas que exigem atendimento individual, como por exemplo o autismo. O total de estudantes, segundo informou a secretaria, é de 912 alunos(as), o que dá uma média, excetuando as turmas *especiais*, de 32 estudantes por turma.

Os estudantes, oriundos em sua maioria do próprio bairro, que vivem em “casa [ou apartamento] com saneamento básico, água, eles têm acesso aos meios modernos de comunicação”, diz Ana. Em termos raciais, não fiz levantamento, mas salta aos olhos a maioria esmagadora de estudantes que poderíamos caracterizar, pelo fenótipo, como afro-brasileiros. Ana compara os alunos da Escola Azul com outra que trabalhou anteriormente:

Ah, muito grande [a diferença]! Muito grande porque era uma escola de morro! Era uma escola de crianças que não tinham saneamento básico, que tinham que apanhar água para tomar um banho! Se a gente falasse de hábitos, de higiene... plenamente a gente não satisfazia, ele dizia: “tia, eu tenho que descer o morro todo para pegar uma lata d’água”, para ele tomar um banho, ele convivia com o tráfico, ele convivia com as... com as dificuldades. Uma criança já convivendo com as dificuldades. Aqui é diferente! Aí eu posso te falar daqui. A escola que eu peguei em 1977 e a escola que eu pego hoje. Porque quando eu cheguei aqui, esses apartamentos, a escola tinha sido construída por conta desses apartamentos, só quem veio habitar esses apartamentos eram pessoas que eles estavam tirando da Vila Kennedy...

No entanto, o bairro de Vila Kennedy, tal como os conjuntos habitacionais em Oswaldo Cruz, foi construído justamente para a transferência de populações de favelas da zona sul. A diretora acrescenta um histórico de algumas características de uma parte da população do bairro:

E muitas vezes eu encontrava aluno, houve caso de nós buscarmos saber sobre a casa do aluno, em 1978, 1979... 1976, porque a escola foi inaugurada em 1977, e no vaso sanitário as pessoas plantavam, botavam comigo ninguém pode, espada de São Jorge, porque não sabiam, não tinham ainda essa... não sabiam viver em comunidade, não sabiam se organizar em condomínios, não sabiam melhorar o bairro. Hoje é diferente, hoje a escola contribuiu muito para isso, através da criança, através do trabalho comunitário dela [da escola], mostrando para as crianças aquilo que tinha que levar para casa, que aquilo era um vaso sanitário, para que servia... o rio que passa à frente da escola, que esse rio não é para jogar sofá, cachorro morto... E aí, por isso que a escola, há 13 anos trabalha meio ambiente. Porque você nota que hoje, eles moram em prédios com interfone, todos eles têm televisão, todos eles têm bicicleta. Quer dizer, é uma comunidade que cresceu, meio penduradinha, assim, no cabide de Madureira, que isso influenciou muito, a proximidade do comércio, a proximidade do trabalho da mãe, do pai no comércio de Madureira [tosse]. Você ainda nota que é preciso esgotar, ainda não esgotou os nossos projetos, a gente tem uma missão a cumprir em cada projeto, mas que a gente vai aumentando e crescendo cada vez mais, vai indo cada vez mais, nas discussões da comunidade. Apesar de procurarmos ficar fora de determinadas discussões da associação de moradores, de políticos da área, de pessoas, que a gente tem sempre um discurso bem... bem pedagógico. Mas a gente ainda acha que Oswaldo Cruz é um bairro que falta um comércio mais equilibrado, um lazer para as crianças, ainda falta isso. Mas são discussões que a gente vai aos poucos tentando construir.

Mas com as transformações que ocorreram, a Escola Azul ganhou prestígio na área, atraindo estudantes de outros bairros e de favelas da região, ainda que a maioria seja do bairro de Oswaldo Cruz. Aída estima que atualmente 30% dos estudantes da escola sejam de fora do bairro, tendo alunos/as de algumas comunidades de favelas dos bairros vizinhos. Em 1999, no diagnóstico contido no Projeto Político Pedagógico (Transformação II), já era apontado uma afluência de alunos/as de fora do bairro, mas a escola era mais homogênea em sua composição, consideram as diretoras Aída e Ana.

Na escola trabalham 20 professoras/es *PI*<sup>53</sup>, 13 *P2*, uma professora *P2* desviada de função na secretaria, mais 2 professoras *P1* da sala de leitura, perfazendo um total de 36 professores.

---

<sup>53</sup> As/os professoras/es *PI* são do segundo segmento (5ª a 8ª série) e as *P2* são as que lecionam para o primeiro segmento (Educação Infantil, Ciclo de Formação, 3ª e 4ª séries, turma de alunos/as com necessidades educacionais especiais e Progressão).

Várias/os professoras/es têm duas matrículas ou fazem *dupla*<sup>54</sup>. Completando o quadro de trabalhadores da escola, têm duas funcionárias da secretaria, além das 6 merendeiras e uma funcionária que mora na escola. O serviço de limpeza é feito pelos trabalhadores da Comlurb, portanto não pertencentes ao quadro da escola.

---

<sup>54</sup> A *dupla* é outro termo nativo, usado para designar uma segunda jornada de trabalho de um/a professor/a que tenha apenas uma matrícula, cobrindo a falta de professor em uma escola.